

## EXPERIÊNCIAS JUVENIS NO CONTEXTO DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO

Helen Cristina do Carmo <sup>1</sup>

### RESUMO

Esta comunicação tem como objetivo compartilhar reflexões parciais a cerca de um estudo que busca compreender como os/as jovens estudantes de um Instituto Federal de Educação Tecnológica da Região Metropolitana de Belo Horizonte – Minas Gerais vivenciam sua condição juvenil e dão sentidos às suas experiências no ensino médio integrado. Esta investigação está vinculada ao programa de Pós Graduação em Educação da UFMG, curso de Doutorado em Educação. Para tanto estamos realizando uma investigação de cunho qualitativo. Os instrumentos e técnicas de coleta de dados abrangem fontes primárias como realização de entrevistas semiestruturadas, observação, aplicação de questionários. E fontes secundárias como análise documental. Sob o ponto de vista dos jovens e baseada nos estudos da sociologia da juventude e da experiência, tendo como suporte teórico os estudos de Dayrell (2007), Sposito (2002), Pais (2001), Abrandes (2003), Dubet (1994), esta investigação busca tecer reflexões sobre a temática da condição juvenil e evidenciar as questões próprias dos jovens ao experimentar o formato de escola em tempo integral, aliando educação básica e técnica. Considerando a recente expansão da rede técnica federal, que impôs uma nova configuração das escolas técnicas federais no contexto nacional brasileiro e a necessidade de ampliar e aprofundar os estudos sobre os sujeitos que integram essa fase do ensino, acreditamos que a presente pesquisa pode contribuir para o campo das reflexões sobre a tríade jovens, experiências juvenis e ensino médio integrado.

**Palavras-chave:** Juventudes, Condição Juvenil, Ensino Médio Integrado.

### INTRODUÇÃO

Esta comunicação tem como objetivo compartilhar as reflexões iniciais a cerca de um estudo que busca compreender como os/as jovens estudantes de um Instituto Federal de Educação Tecnológica<sup>2</sup> da Região Metropolitana de Belo Horizonte – Minas Gerais vivenciam sua condição juvenil e dão sentidos às suas experiências no ensino médio integrado. Esta investigação está vinculada ao programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, curso de Doutorado em Educação.

A rede federal de educação profissional e tecnológica brasileira passou por muitas transformações desde a sua criação, em 1909, nomeada de Escolas de Aprendizes Artífices, até

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, [helencdc@gmail.com](mailto:helencdc@gmail.com);

<sup>2</sup> Este trabalho conta com o apoio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, na forma de concessão de afastamento da servidora responsável pelo presente trabalho para dedicação exclusiva à pesquisa.

o ano de 2008, quando ganhou o status de rede federal em sua atual configuração. Podemos dizer que até o início dos anos 2000 as escolas técnicas federais configuravam-se em poucas instituições, geralmente localizadas nos centros urbanos (com exceção das escolas agrotécnicas), 15 anos depois, essa configuração mudou bastante, tanto em número de escolas, quanto no alcance geográfico. Tais mudanças foram acompanhadas de novas chances de inserção dos estudantes, que puderam observar a chegada dessas instituições em locais nunca antes imaginados, como periferias, bairros de cidades das regiões metropolitanas, pequenas e médias cidades no interior do estado. Nesse período também foi instituído o sistema de cotas para garantia de acesso a estudantes originários da rede pública de ensino, bem como reserva para negros e indígenas.

Nas duas últimas décadas, a Rede Federal vivenciou a maior expansão de sua história. De 1909 a 2002, por quase um século, foram construídas apenas 140 escolas técnicas no país. Entre 2003 e 2016, num intervalo de menos de 15 anos, foi registrada a construção 504 novas unidades, totalizando 644 campi em funcionamento no ano de 2016. E assim como toda expansão do ensino, esta reconfiguração trouxe consigo a presença de estudantes com um perfil diferente daqueles que tradicionalmente tinham acesso a esse tipo de escola, com novas demandas e indagações para este espaço.

Nesse contexto, a realização dessa investigação pretende contribuir para uma maior compreensão acerca destas instituições, do formato de ensino médio ali presente, especialmente sob o ponto de vista dos principais interessados nesta fase do ensino, os jovens estudantes, ampliando os estudos sobre o ensino médio integrado no Brasil. Além disso, este estudo pode contribuir nas discussões que abarcam reflexões sobre o ensino técnico profissional vinculado ao ensino médio.

Atualmente, os estudantes do Instituto investigado somam um total de 36 aulas semanais no primeiro ano, 40 aulas semanais no segundo ano e 37 aulas semanais no terceiro ano, que ainda devem ser conciliadas com a realização do estágio ou do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. Além desta extensa carga de aulas, os estudantes são fortemente incentivados a participarem das atividades de monitoria, ou seja, de momentos de estudos extra sala de aula, conduzidas por um colega monitor, e também são incentivados a integrarem projetos de pesquisa e de extensão. Paralela a esta rotina acadêmica intensa, esses jovens, em sua maioria com idade entre 15 e 17 anos, precisam dividir seu tempo com seus amigos e amigas, namorados e namoradas, com práticas de esportes, com a “manutenção da vida online” nas redes sociais, equilibrando e fazendo a gestão deste universo de atividades, passando 10 horas diárias dentro da escola. Diante de toda a intensidade vivenciada dentro do ambiente escolar, sobra pouco

tempo para que esses jovens experimentem outras vivências para além dos limites da escola. O que nos leva a acreditar que não resta outra alternativa a não ser reinventar este espaço, alargando as possibilidades de sociabilidade, contornando regras e resignificando os tempos. A escola passa a ser cenário de jogos de baralho, formação de casais, troca de confidências entre amigos, torneio interclasse, encontro de células evangélicas, local de treino para os mais diversos esportes, reuniões de grupo feminista, festas autorizadas, festas “escondidas”, treino de canto. Dentro da escola eles comem, tiram sonecas, matam aula, circulam pela vizinhança, vendem bombom, bolo de pote, salgados e garantem uma renda a mais. Como nos lembra Juarez Dayrell (2007):

A escola aparece como um espaço aberto a uma vida não-escolar, numa comunidade juvenil de reconhecimento interpessoal. É em torno dessa sociabilidade que muitas vezes a escola e seu espaço físico são apropriados pelos jovens alunos e reelaborados, ganhando novos sentidos (p. 1120).

Observamos que estas experiências são plurais, marcadas por aproximações e distanciamentos entre os desejos e planos desses jovens, de realizações e frustrações tanto no contexto escolar, quanto na formação subjetiva de cada um/a. Mas que sobretudo, marcam um alto investimento nessa experiência, contribuindo para pensarmos que muitos jovens ainda apostam na escola como uma dimensão importante de socialização e formação, mesmo em meio a tantas tensões.

## **METODOLOGIA**

O desafio desta proposta investigativa é compreender como jovens, que estudam em uma instituição federal, matriculados em um curso técnico integrado ao ensino médio, vivenciam sua condição juvenil e como atribuem sentido às experiências vividas neste contexto. Diante desta questão, o desafio seguinte é construir os caminhos metodológicos que nos auxiliem nesta compreensão.

Para tanto estamos realizando uma investigação de cunho qualitativo e privilegiando o estudo de caso como estratégia para pesquisar um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade. Como incremento metodológico, nos inspiramos nas pesquisas prospectivas, que permitem investigar determinado fenômeno ao longo de seu desenvolvimento e desta forma, auxiliam na compreensão de como os fatos vivenciados ao longo de determinadas experiências afetam os sujeitos. Os instrumentos e técnicas de coleta de dados abrangem fontes primárias como realização de entrevistas semiestruturadas, observação (dentro e fora da sala de aula),

aplicação de questionários (perfil sócio-econômico-cultural). E fontes secundárias como análise documental (serão analisados o Projeto Pedagógico do Curso, horários de aulas e atividades extracurriculares, normas disciplinares, etc.) e análise de dados de matrículas recolhidos pela secretaria acadêmica, que nos forneceram as primeiras informações sobre os jovens estudantes.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Desafiada a compreender as experiências dos jovens estudantes no ensino médio integrado, considero fundamental refletir sobre alguns aspectos que podem nos auxiliar a localizar esse estudo num campo teórico-analítico e dar sustentação às indagações desta investigação.

Uma primeira aproximação necessária é a localização deste estudo em uma perspectiva sociológica, mais especificamente, em uma aproximação com a sociologia do indivíduo, ou seja, com um campo da sociologia que transita da noção de socialização e papel social e chega na ideia de experiência individual. Vários autores têm se debruçado sobre os achados da sociologia do indivíduo, dentre os quais se destacam Bernard Lahire (2004), Danilo Martuccelli (2012) e François Dubet (1994). Para os fins deste estudo, pretendemos concentrar neste último, por acreditar que a noção de experiência social, por ele cunhada, pode contribuir de maneira profícua para a análise e interpretação do contexto de pesquisa a que esta investigação se propõe.

Sob o ponto de vista dos jovens e baseada nos estudos da sociologia da juventude, esta investigação busca tecer reflexões sobre a temática da condição juvenil e evidenciar as questões próprias dos jovens ao experimentar o formato de escola em tempo integral, aliando educação básica e técnica.

Na tentativa de nos aproximarmos ainda mais do objeto dessa investigação, destacamos o seguinte questionamento: é possível enxergar os sujeitos desta pesquisa para além do papel de aluno? Dayrell (2007) aponta que “a escola tende a não reconhecer o ‘jovem’ existente no ‘aluno’, muito menos compreender a diversidade, seja étnica, de gênero ou de orientação sexual, entre outras expressões, com a qual a condição juvenil se apresenta” (p.1117).

O questionamento ganha ainda mais intensidade quando recordamos que esses jovens passam diariamente em média dez horas dentro da escola. Se nesse tempo não são reconhecidos para além do papel de aluno, em que momento esses sujeitos têm a chance de viver suas experiências juvenis?

O que nos aponta alguns estudos, é que esses sujeitos ressignificam os espaços e tempos escolares, e encontram nos interstícios [como aponta Abrantes (2003)] e nas fendas [como diria Dubet (1994)] possibilidades de vivenciar experiências próprias da juventude.

Nesse sentido, consideramos fundamental dialogar com os estudos da sociologia da juventude e para além de uma recuperação teórica sobre a categoria, consideramos fundamental aprofundarmos as reflexões sobre os jovens e a real importância de considerarmos esta condição ao realizar as análises sobre o problema explicitado nesta investigação.

De maneira sucinta, podemos dizer que a categoria Juventude deve ser entendida como uma construção social, que varia de sociedade para sociedade e em diferentes contextos históricos. Nesse sentido, parece-nos insuficiente a compreensão de juventude apenas por intermédio de um recorte etário. A abordagem da juventude reduzida à perspectiva etária pode nos levar a considerá-la apenas como um momento transitório, que se justifica tendo em vista um ideal de vida adulta.

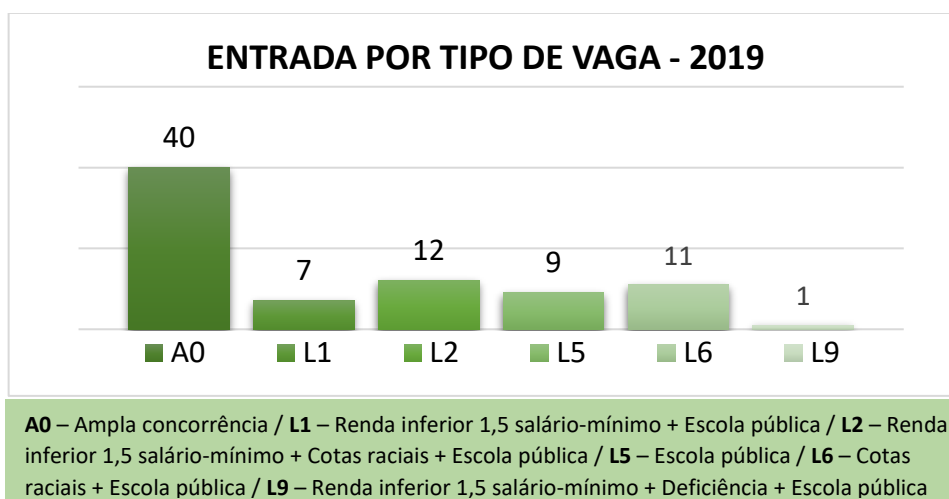
Outra dimensão importante na reflexão do conceito de juventude é a consideração de que se trata também de uma representação social, que varia de acordo com cada contexto social e histórico. Assim, podemos perceber diferentes representações sobre o ser jovem, que ganham predominância em sucessivos momentos históricos ou mesmo convivem em um mesmo contexto social. De acordo com alguns autores (PAIS, 2001; SPOSITO, 2002), para além de uma delimitação etária, consideramos juventude como uma “categoria em permanente construção social e histórica, incorporando a complexidade da vida – em suas dimensões biológicas, sociais, psíquicas, culturais, políticas, econômicas etc. – que organiza as múltiplas maneiras de viver a condição juvenil” (IBASE, 2005:7). É através do reconhecimento dessa multiplicidade de experiências que dizemos não de juventude, mas de juventudes, no plural.

No caso específico dos sujeitos a serem investigados, essa complexidade da condição juvenil está atrelada a uma experiência de contato com a instituição escolar muito intensa, fazendo com que este espaço seja interpelado a ofertar mais do que experiências escolares. Percebemos como central o processo de escuta desses sujeitos, pois somente através de uma escuta atenta, sensível e interessada, teremos a chance de compreender o que “se passa” com tais sujeitos e como eles percebem “esses acontecimentos”. Mais do que observar as relações estabelecidas entre os jovens, no ambiente escolar, é preciso enxergar as múltiplas experiências vivenciadas e sentidos atribuídos a elas num momento ímpar da vida desses sujeitos, que aprendem, amam, indagam, repelem, se constroem e se projetam no futuro.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como anunciado anteriormente, trata-se de um estudo ainda em desenvolvimento e dentro dos limites dessa comunicação, compartilho alguns dados sobre o perfil dos/as jovens que participam dessa investigação, afim de contribuir para as primeiras reflexões desta pesquisa.

Os dados apresentados a seguir foram coletados a partir do processo seletivo de 2019, para o curso técnico integrado em Edificações, referente ao total de 80 estudantes aprovados. O processo seletivo dos Institutos Federais conta com a distribuição de vagas da seguinte maneira<sup>3</sup>: metade das vagas são reservadas para candidatos/as oriundos de escolas públicas, e dentro desse grupo, há uma distribuição entre candidatos autodeclarados pretos, pardos e indígenas; por pessoas com deficiência; oriundos de famílias com renda igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo (um salário-mínimo e meio) per capita. A outra metade é oferta à candidatos da ampla concorrência.

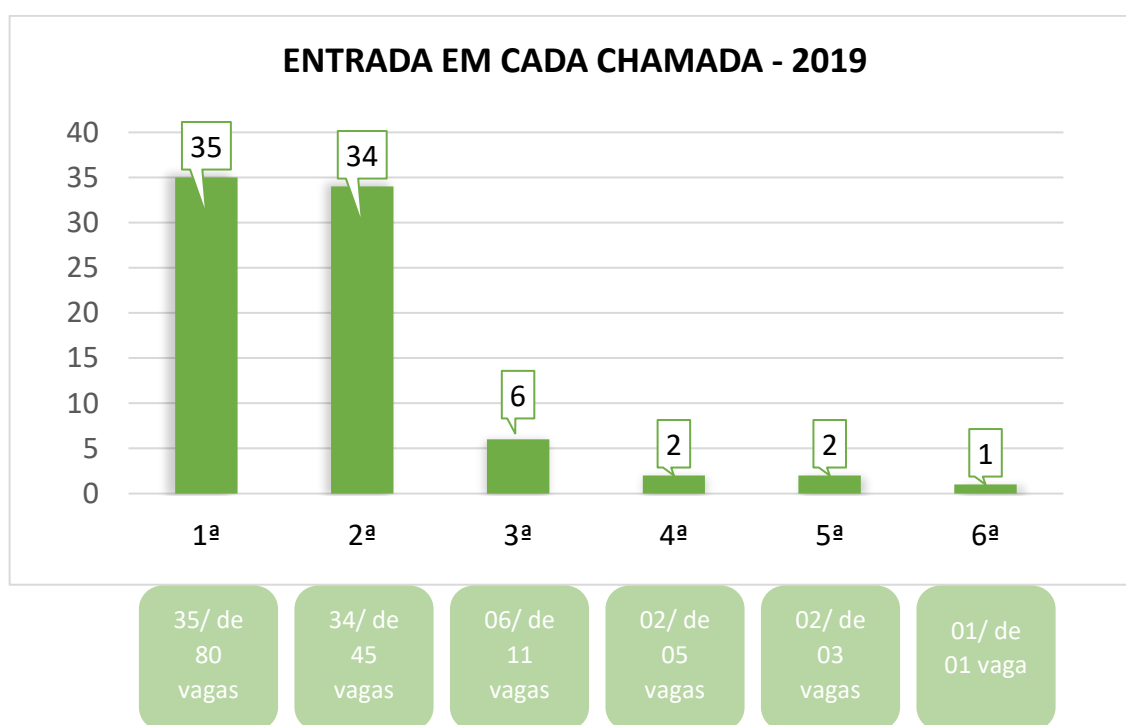


Essa distribuição das vagas, fruto de lutas sociais transformadas em políticas públicas, contribui para uma maior diversidade dos jovens que frequentam o Instituto, porém, quando essas informações são associadas a outros elementos, mesmo dentro do grupo de estudantes oriundos de escolas públicas, percebemos que há a prevalência de um certo perfil entre os estudantes do Instituto, que os distinguem dos demais estudantes de escolas públicas regulares em situações similares (que possuem mesma faixa de renda, pertencimento racial, etc).

<sup>3</sup> Essa distribuição obedece ao disposto na Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012 (Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências).



O processo de preenchimento das 80 vagas disponíveis para o curso técnico em Edificações integrado ao ensino médio também ajuda a compreender um pouco mais sobre quem são os sujeitos que adentram o referido Instituto. Por se tratar de uma unidade localizada na região metropolitana de Belo Horizonte, os mesmos jovens que participam do processo seletivo do Instituto, participam dos processos seletivos do CEFET-MG e do COLTEC-UFMG, duas escolas que ofertam a mesma modalidade de ensino, porém localizadas na capital, com longo histórico e trajetória de ensino, além de uma gama diversificada de cursos ofertados. Essa coexistência de alternativas impacta na forma como as vagas são ocupadas.



Na primeira chamada do ano de 2019, por exemplo, nem metade das vagas foram preenchidas, ou seja, 45 jovens e suas famílias optaram por não realizar matrícula no Instituto Federal. O simples fato de terem sido realizadas seis chamadas, corrobora para a compreensão de que muitos dos primeiros colocados preferem outras instituições, cedendo espaço para aqueles que não conseguiram aprovação imediata. Entre os/as estudantes que aceitaram colaborar com essa pesquisa, a maior parte tentou os processos seletivos de outras instituições, salvo raras exceções de jovens que perderam o período de inscrição, ou por morarem muito próximo do Instituto e não quiseram tentar.

*Fiz nos três [CEFET, COLTEC, IFMG]. Só que a primeira vez que eu tentei, eu quase passei no CEFET, foi por pouca coisa. No segundo ano, eu já fiquei mais esperançoso, né? Porque você acha, assim, mas não*

*teve ninguém da segunda chamada, eu estava na esperança (Entrevista Fabrício<sup>4</sup>).*

*Eu fiz cursinho no Chromos, porque meu foco mesmo era passar no CEFET, aí eu fiz o cursinho um ano, só que acabou que eu perdi minha cota porque eu estudei o 1º ano [particular] e eu meio que fiquei meio para trás na ampla concorrência, porque acabou que eu estudei a vida inteira em escola pública, só que eu não tinha cota (Entrevista Natasha).*

Fabrício e seu colega, que estão mais próximos a mim, já finalizaram a atividade e estão conversando sobre a família. Um deles comentou que seu irmão mais velho estudou no CEFET e hoje faz economia. Disse que ao contrário dele, o irmão é inteligente, e Fabrício concordou que o irmão dele é inteligente, mas completou que o colega também é, porque passou aqui (no IF). Ele comentou que se estudasse no CEFET nem tinha que trazer marmita porque o almoço lá é R\$ 1,50. E Fabrício completou que poderia comer até morrer. Continuaram o assunto, mas não consegui ouvir tudo, mas Fabrício finalizou uma frase dizendo que tudo tem um propósito e eles não estão aqui por acaso. O colega comentou que o CEFET de Ouro Preto virou IF há pouco tempo, desde 2008, e que aqui era tipo um CEFET novo. Fabrício reclamou que só queria que aqui tivesse mais cursos, tipo mecânica, que não gostaria de fazer Edificações. Comentaram que acham que todo mundo queria estudar lá (no CEFET). Reclamou que num determinado curso um estudante cotista passou com 14 pontos e falou que a nota de corte do COLTEC foi muito alta. Os dois continuaram conversando quando deixaram a sala de aula e tentei acompanhar a conversa. O colega disse que gostaria mesmo de fazer Análise Clínica e Fabrício disse que queria fazer Mecânica. (Caderno de campo – fevereiro de 2019).

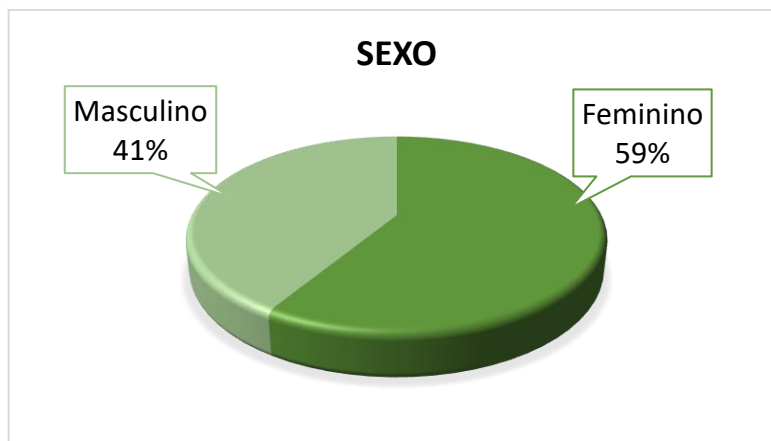
Nos primeiros dias de aula era comum escutar os jovens recordando sobre suas notas nos processos seletivos e comentando sobre suas preferências de cursos e instituições. Como é possível ver nos relatos acima, esses jovens acumulam informações sobre o processo de seleção, sobre concorrência, sobre o sistema de cotas e parecem utilizar estratégias diversas para acessar esses espaços. Arrisco a dizer que esse capital é uma das características que diferenciam esse grupo de estudantes dos demais oriundos das escolas públicas regulares.

Em relação à caracterização dos/as estudantes por sexo, percebemos a maior presença das meninas, o que dialoga com os dados mais gerais da educação, que confirmam a longevidade e sucesso da vida escolar das mulheres, quando comparadas aos índices dos homens. Como afirma Moema Guedes (2008), a expansão da escolaridade no Brasil foi um fenômeno observado em maior intensidade no contingente populacional feminino. Em um curto período, as mulheres conseguiram reverter um quadro de desigualdade histórica e consolidar uma nova realidade, em que são mais escolarizadas que o contingente masculino.

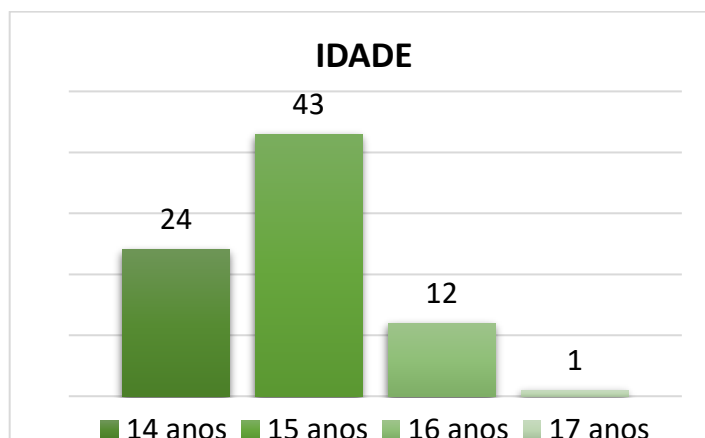
---

<sup>4</sup> De acordo com as recomendações do Comitê de Ética, a identidade dos/as jovens participantes dessa pesquisa será preservada e os nomes mencionados são fictícios, escolhidos pelos/as próprios/as jovens.





Em relação à idade podemos afirmar que há uma predominância da adequação na relação idade/série, considerando que 67 estudantes (equivalente a 84%) tinham entre 14 e 15 anos quando iniciaram o primeiro ano. Vale lembrar que uma das estratégias utilizadas por parte dos estudantes para acessarem as escolas técnicas federais, é repetir o primeiro ano, quando não conseguem aprovação na primeira tentativa do processo seletivo. Isso indica que entre aqueles que entram com idade superior à considerada adequada, não necessariamente indicam estudantes com trajetórias escolares não lineares ou marcadas por retenções, mas sim podem revelar uma estratégia de acesso.



Esses dados iniciais sobre o perfil dos/as estudantes revelam um dos achados desta investigação até o momento, que pode ser traduzida na compreensão de que o grupo de jovens quem compõe o corpo discente da referida instituição apresenta características particulares, que os colocam em uma posição diferenciada dentro da rede pública de ensino médio. Essas características parecem repercutir na forma como esses sujeitos vivenciam a experiência escolar, em como dão sentido à escola, aos usos e expectativas que nutrem em relação a esta

instituição. A partir dos demais dados reunidos, que não teremos condições de abarcar nesse trabalho, pretendemos adensar nessa compreensão sobre a experiência escolar e avançar no sentido de perceber também as experiências juvenis mais amplas, para além do papel de estudantes que esses sujeitos exercem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dessas primeiras reflexões e dados que ainda estão sendo trabalhados, buscamos compreender: Quem são esses jovens que chegam aos Institutos Federais? Como chegam? Quais são seus desejos? Quais motivos os levam a frequentar esta instituição? Como vivenciam o contexto em uma escola de tempo integral? Com quem eles passam o tempo? O que fazem? O que buscam? O que os mobiliza? O que os mantem? O que eles e elas tem a nos dizer sobre suas experiências?

Esta série de questões tem nos colocado em um duplo movimento, de observar como estes sujeitos vivem seu cotidiano no espaço escolar e como extrapolam a condição de estudante e ampliam essa experiência para além do ofício de aluno, articulando desejos, projetos, oportunidades, resistências, obrigações, expectativas, ao mesmo momento em que conciliam tempo de estudo, para as atividades esportivas, religiosas, de lazer, para o namoro, para o engajamento político etc. Num segundo movimento, além de observar essas articulações das dimensões próprias da condição juvenil, perceber quais sentidos esses sujeitos atribuem às experiências vivenciadas neste contexto, do ponto de vista dos próprios jovens, procurando identificar as leituras que fazem dessa experiência.

Considerando a recente expansão da rede técnica federal, que impôs uma nova configuração das escolas técnicas federais no contexto nacional brasileiro e a necessidade de ampliar e aprofundar os estudos sobre os sujeitos que integram essa fase do ensino, acreditamos que a presente pesquisa pode contribuir para o campo das reflexões sobre a tríade jovens, experiências juvenis e ensino médio integrado.

## REFERÊNCIAS

- ABRANTES, Pedro. **Os sentidos da escola**: identidades juvenis e dinâmicas de escolaridade. Oeiras: Celta, 2003.
- DAYRELL, Juarez Tarcísio. **A escola faz as juventudes?** Reflexões em torno da socialização juvenil. Educação e Sociedade, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, Out. 2007.
- DUBET, François. **Sociologia da Experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS; INSTITUTO PÓLIS. **Juventude Brasileira e Democracia**: participação, esferas e políticas públicas. Rio de Janeiro: IBASE, 2005. 103P. (Relatório Final de pesquisa).

LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos** – disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MARTUCCELLI, Danilo; SINGLY, F. **Las sociologías del individuo**. Santiago: LOM Ediciones, 2012.

PAIS, José Machado. **Ganchos Tachos e Biscates**: Jovens, trabalho e futuro. Enciclopédia Moderna Sociológica. Âmbar, 2001.

SPOSITO, Marília Pontes (coordenação). **Juventude e escolarização** (1980-1998). Brasília: MEC/Inep/ Comped, 2002.